

CARTA PARA MAE NEGA

*Toda vez que olho essa foto, penso na
senhora como uma mãe-menina-mulher, pela
leveza e a verdade do sorriso, pela
brincadeira e pelo prazer espontâneo de
quem sabe que está em casa.
Esse chão aí é conhecido, essa
estrada aí também, mas esse sorriso, ah!
Esse sorriso aí não se vê todo dia, essa
alegria que extravasa o corpo, a ponto de
querer fazê-la correr eu vi poucas vezes.*

*O senso de humor, a vontade de
viver, sempre estiveram aqui,
mas esse sorriso de mãe-menina-
mulher é visita rara.*

Rafaela Francisco, 2019.



Imagem 6 - Mãe Nega em Missão de Aricobés - BA, 2012. Arquivo pessoal.



Goiânia-Go, 22 de abril de 2019.

Oi Mãe,

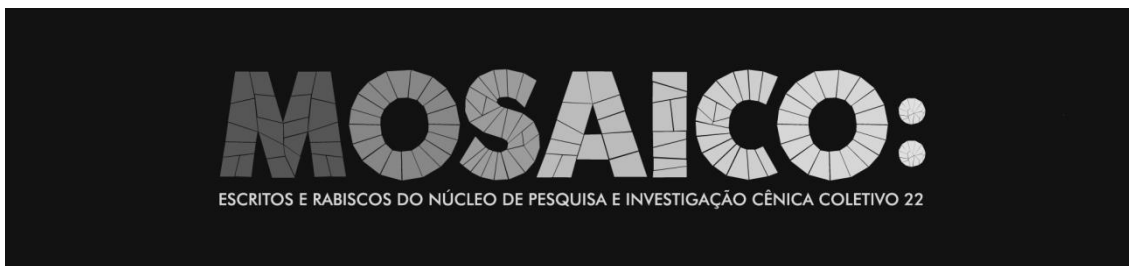
Espero que esteja bem. Estou escrevendo a minha dissertação de mestrado em formato de cartas e nesse processo senti a necessidade de me conectar com as mulheres que me inspiram, me conhecem e são minhas primeiras referências, como é o caso da senhora e da Vó Maria, então vou dialogar com a senhora sobre algumas das dores que foram despertadas nesse processo, te apresentarei um pouco do que tenho estudado e como isso me liga a senhora.

Eu estive pensando sobre as mulheres que estão ao meu redor, seja no convívio ou nas leituras e me dei conta do quanto essas mulheres lutaram, resistiram e hoje tem superado a si mesmas, digo isso pela senhora, pela minha vó, pela minha sogra, pela minha orientadora, pela Victoria Santa Cruz, pela Djamila Ribeiro, e tantas outras... Aliás quero falar dessas duas últimas para a senhora.

Eu já comentei com a senhora sobre a minha pesquisa de mestrado, em que estou pesquisando a performance negra de uma artista afro-peruana, que foi muito importante para a cultura negra no Peru e na América Latina, ela se chama Victoria Santa Cruz. Essa mulher abalou as estruturas do Peru, e deixou rastros pela França onde estudou dança e teatro e pelos Estados Unidos onde trabalhou como professora universitária por quase 20 anos.

A presença dela foi fundamental para que houvesse teatro e danças encenados por artistas negros em um período em que os personagens negros eram interpretados por artistas brancos pintados de preto, que são chamados “black face”. Tem um poema dela muito famoso, aquele que enviei o vídeo para a senhora assistir, que se chama *Me Gritaron Negra*, neste ela conta o que aconteceu com ela quando ela tinha 5 anos de idade, quando uma vizinha recém chegada no bairro que ela morava se negou a brincar com ela por ela ser negra, e as amigas dela foram brincar com a nova vizinha branca e a mandou voltar para casa.

No decorrer do poema ela fala do seu processo de negação como mulher negra, que alisou seus cabelos, passou pó de arroz na cara e quando já não dava mais para retroceder,



caiu e se levantou reafirmando a sua negritude, aceitando seus cabelos, seus lábios grossos, sua cor e se afirmando como mulher negra.

Aquele vídeo que a senhora assistiu foi gravado no final da década de 70, mesma década que a senhora nasceu, e muitas mulheres negras se identificam com esse poema até hoje, porque passam pela mesma situação de negação e depois de aceitação de seus corpos, pois como bem sabemos, somos ensinadas a valorizar um padrão de beleza em que não cabemos. Padrão este que nos ensina que cabelos lisos, olhos azuis, nariz fino são os mais bonitos. Essa estética europeia não contempla o nosso modo de existir no mundo, pois somos mulheres negras.

Mãe, o contato com esse poema me lembra o quanto já sofri me olhando no espelho, odiando o volume do meu cabelo, odiando o fato da minha franja não ser escorrida, odiando o fato de ter chovido e o cabelo ter “engrunhado”, ficando cheio de *frizz*, odiando o fato de não ser branca! Quantas vezes meus irmãos e eu lamentamos por não termos puxado os olhos verdes do pai ou os cabelos escorridos da família dele, como se a sua aparência não fosse boa o suficiente, eu peço perdão por isso.

Hoje me sinto profundamente orgulhosa de ser a filha que mais se parece com a senhora, pela cor, pelos cabelos, o jeito, a voz que muitos já confundiram, as vezes me pego falando como a senhora fala, com várias das suas manias e amo ser parecida com a senhora porque te admiro nas suas singularidades, nas suas mandingas e nem adianta retrucar, é mandingueira sim senhora! E quando digo de mandinga estou falando desse jeito gozado de falar de coisa séria, desse mistério que carrega na fala e dessa espontaneidade que te salva das situações mais terríveis, isso é o que a vida exige Mãe, a vida dura exige mandinga para não sucumbir.

Falar de mandinga me lembra da capoeira, a senhora sabe que sou capoeirista, apesar de não ter ido assistir nenhuma roda até hoje, o que não foi por falta de convite, né querida? Na Capoeira Angola mandinga é malícia, é um jeito esperto de jogar e se relacionar com seu parceiro de jogo, tem a ver com ir e não ir, ser e não ser. E na ginga, que é o movimento primeiro da capoeira, aprendemos a nos mover como o balanço do mar e a deixar o corpo esperto para o jogo. Na capoeira eu tenho um apelido, me chamam de Dendê, como o óleo de dendê mesmo, que serve para temperar e colocar axé, energia e vitalidade nas comidas

baianas. Por outro lado, é um jeito carinhoso de me lembrar que sou da Bahia. tudo a ver comigo, não é?

Já que a senhora nunca foi ver nenhum jogo de capoeira, vou mostrar uma foto, pelo menos.



Imagem 7- Jogo de capoeira no Caruru de 2016. Foto: Arquivo pessoal.

Nessa foto estou jogando com Beija-flor, uma carioca gente boa que jogava com a gente. A capoeira tem me dado muita coisa boa, desde que comecei a jogar me percebo mais confiante, na minha dança e na minha caminhada como mulher e negra. Fora as coisas que aprendemos por princípio e fundamento da própria Capoeira Angola. Essa capoeira é diferente daquela de saltos e mortais, que chamamos de regional. A Capoeira Angola é mais do chão, do movimento que enrola e desenrola na relação com o outro.

Uma coisa que acho que estamos perdendo e a capoeira traz como fundamento é o respeito ao mais velho, seja na figura dos mestres antigos ou na figura daquele que começou a jogar capoeira antes de mim. E as vezes esse mais velho pode ser mais novo na idade, mas já joga capoeira desde a barriga da mãe. Com isso Mãe, estou dizendo que tem muita coisa bonita acontecendo por aí e por aqui na minha vida e que o racismo muitas vezes não deixa ver.

No espaço Águas de Menino, onde treino capoeira, eu vejo pais e mães jogando com seus filhos e filhas, por entenderem a importância de estimular suas crianças no jogo, na musicalidade, no fundamento da Capoeira Angola, que tem sua ancestralidade africana, mas nasceu aqui no Brasil ainda no período colonial. Era luta, mas a depender de quem estava olhando poderia ser dança também e nesse jogo de luta e dança, temos a oportunidade de cantar, dançar, jogar, tocar e vadiar no seu sentido mais positivo, de poder brincar mesmo.

Eu me empolguei falando de capoeira, só que tem mais coisa para te falar.

Na semana passada, eu estava lendo o livro da Djamila Ribeiro, acho que toda mulher negra precisa ler esse livro. A Djamila Ribeiro é uma escritora e feminista negra que tem se destacado e já lançou dois livros *Quem Tem Medo de Feminismo Negro?* e *O Que é Lugar de Fala?*, ambos nos ajudam a dar nomes ao que na prática enfrentamos no dia a dia como mulheres negras, a senhora bem sabe, já passou por cada uma...

À medida que fui lendo o livro dela, principalmente o *Quem Tem Medo de Feminismo Negro?* fui lembrando de várias situações que a senhora passou. Nós duas Mãe, somos fruto de um racismo disfarçado pela “morenise” bem-intencionada, isso por muitos anos fez com não nos percebêssemos como mulheres negras.

Me lembro de quando estava passando pela transição capilar em um processo de tentar me reconhecer com aquele novo cabelo, quando me olhei no espelho de um jeito assustador parecia que meus lábios haviam ficado mais grossos, meus traços pareciam saltar ao meu rosto, meu nariz já não parecia tão fino e nesse processo tão íntimo de tentar me reconhecer nesse novo corpo eu tinha que ainda ouvir coisas tão perversas, como “vai escovar esse cabelo, tá horrível assim” ou “ôxi, não sabia que seu cabelo era ruim” ou se não “tá querendo ser negra agora é?”

Uma coisa é verdade, eu nunca fui vítima de racismo como a Victoria e a Djamila contam que aconteceu com elas e hoje pensando aqui, a menina que era vítima das ofensas racistas na escola tinha a pele mais clara que a minha e cabelos crespos. Refletindo sobre isso, percebo o quanto o racismo é perverso com nossos corpos, com a nossa estética e com a nossa autoestima, pois mesmo não sendo ofendida na escola, fui atravessada pelo desejo de ser bonita como as meninas ou mulheres brancas das novelas.

Acredito que a primeira experiência que tive com o racismo, foi na peça da escola, ainda na quarta série quando a professora disse que faria uma peça sobre o cravo e a rosa, eu já com muita vontade de ser artista nessa época, queria muito ser a rosa e a professora me deu o papel de cravo, e deu o papel de rosa para minha colega loira dos olhos azuis que tinha recém-chegado do Sul.

Eu fiquei chateada, compreendi que ela era a preferência, era bonita e eu não. Eu me sentia feia. Anos depois, já aos 19 anos um dos meus chefes olhou para mim e disse “olha só, você parece muito com a empregadinha safada da novela das nove, ela chama o chefe dela de chafinho, me chama de chafinho?”, apesar de ter entendido perfeitamente que se tratava de assédio sexual, eu não tive nenhuma reação quanto a isso.

Quando fui pesquisar sobre a tal “empregadinha” da novela das nove, fui perceber que se tratava de uma mulher negra de pele clara e traços “finos” que se insinuava para o patrão. Pouco mais de três anos depois, já na universidade e no contato com estudos sobre o racismo e feminismo negro consegui dar nome aquela agressão, foi mais que assédio, foi a manifestação da autorização dada pelo machismo e pelo racismo ao mesmo tempo, que faz com que homens como ele achem que são donos dos nossos corpos.

Mas, essa não foi uma situação que dizia respeito só a mim, pois à medida que a minha consciência se despertava para esses acontecimentos, fui me lembrando também de várias situações em que a senhora na condição de empregada doméstica passou, sendo assediada, de diversas formas e não fosse a sua garra, esses caras tinham deitado e rolado.

Ao conversar com a senhora sobre isso, ao ouvi-la contar sobre cada situação, me deu uma angústia muito grande, pois não são casos isolados, quando te perguntei em quantas casas que já trabalhou que sofreu assédio, a senhora me disse, “vixi, quase todas”, dá para perceber o quanto isso é grave, nem mesmo grávida a senhora escapou disso, não fosse o ferro de passar ser usado como arma, sabe Deus como essa história teria acabado.

O motivo pelo qual te perguntei sobre isso e toquei nessas feridas e peço desculpa por isso, foi para falar para senhora que isso tem nome, é importante nomear as coisas, porque não podemos combater aquilo que não damos nome, isso é racismo mãe, somado a violência de gênero e de classe.



Esse processo vem de longe, a Djamila fala dele, quando escreve sobre objetificação e da hiperssexualização do corpo da mulher negra, por exemplo, pois nesse livro que comentei, ela escreveu um manifesto sobre a representação do corpo negro nas aparições da Globeleza, que já cansamos de ver na televisão, primeiro ela identificou os problemas em torno do termo mulata, que já está naturalizado na sociedade brasileira e que a emissora Globo contribuiu para que fosse largamente usado.

Para a senhora ter uma ideia, o termo mulata vem de “mula” ou “mulo” e faz referência a mistura entre cavalos e jumentas ou jumentos e éguas, nesse caso o cavalo (*equuscaballus*) é visto como uma espécie nobre e o jumento (*equusafricanusasinus*) visto como uma espécie inferior. Essa palavra em sua raiz é pejorativa e aponta para uma mistura que não deveria existir, por ser considerada impura.¹

Esse termo surgiu durante o período colonial para identificar negros de pele mais clara, como nós, e que em sua maioria eram frutos de estupros de mulheres negras escravizadas por seus senhores, ou seja, além de ser um termo machista, é racista.

Ela diz ainda, que o processo de seleção da Globeleza segue o padrão de seleção estética feito pelos senhores do período colonial, em que escolhiam as mulheres escravizadas de pele mais clara e traços mais próximos do que consideravam bonitos para manter por perto e fazer-lhes objetos de satisfação de suas vontades, sendo subjugadas e abusadas, é daí que surge a ideia que reina até os dias de hoje, de que mulheres negras são “quentes”, tem uma sensualidade “nata”, “tá no sangue” e se for nordestina então, tá feito o “combo”!

A professora Marlini, que fez parte da minha banca de qualificação, me falou de algo que eu não sabia, ela me disse que a difusão desse termo vem muito antes de Valéria Valensa, a primeira globeleza que apareceu na televisão, em 1991, e assumiu o posto até 2004. Lá atrás em 1964, quando o sambista carioca Osvaldo Sargentelli², que era conhecido como “mulatólogo”, produzia o “show das mulatas” em casas noturnas no Brasil e no exterior. Ele não só produzia os shows, como também procurava e selecionava essas mulheres de acordo com os critérios que considerava aceitáveis.

¹Djamila Ribeiro, 2018.

² Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/com-telecoteco-ziriguidum-osvaldo-sargentelli-inventou-show-de-mulatas-21170942>.

Sargentelli nasceu em 1924 e morreu em 2002, quando foi convidado para participar da novela “O Clone”, lembra do bar da Dona Jura? Pois é, ele seria uma das celebridades a aparecer no bar, mas o coração dele não aguentou e ele faleceu. Alguns jornais falam desse fato com certa ironia, por que a atriz Solange Couto que fazia o papel da Dona Jura na época foi uma das mulatas que participava dos shows dele.

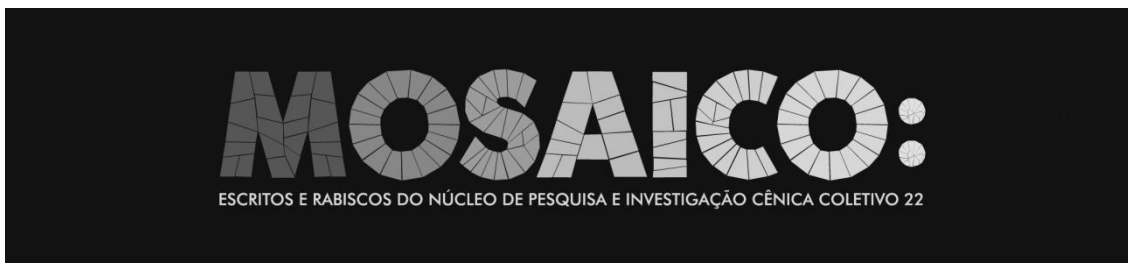
Falar um pouco sobre o contexto histórico desse termo, acaba trazendo à tona o fato de que o assédio sofrido pelos nossos corpos segue autorizado pelo machismo e pelo racismo desde o período colonial e que o fato de só aparecermos na televisão como Globelezas peladas e sambando a qualquer hora do dia durante o carnaval ou nas novelas como as “empregadas vulgarizadas” movimentam o imaginário de homens que acham que têm direito sobre nossos corpos.

Mulher, o sangue chega ferve! Parece até que é automático para eles que podem nos tocar e se sentem totalmente confusos quando são rejeitados, pois “somos nós que estamos perdendo a oportunidade de nos fazer na vida”, primeiro dão a entender que são donos dos nossos corpos e depois querem colocar um preço nele.

Eu fico pensando Mãe, que é mais difícil ainda lidar com as diversas formas de assédio direto ou simbólico, quando ele vem das mulheres, pois sei que muitas já te assediaram moralmente, seja por te acharem bonita ou inteligente demais para o cargo, quando reagem com surpresa ao saber que a senhora possui o segundo grau, por exemplo.

Apesar de falar de nós, eu quis falar dessas duas mulheres, da Victoria e da Djamila, por que elas em períodos e geografias diferentes mudaram e continuam mudando a história das mulheres negras, cada uma a sua maneira. É certo que em várias coisas elas não concordariam entre si, são de gerações distintas, por exemplo a Djamila fala abertamente das diferenças que demarcam feminismo desenvolvido pelas mulheres brancas e o feminismo desenvolvidos para pensar questões das mulheres negras, compreendendo que são questões diferentes, na prática a senhora entende bem disso, seus problemas e suas necessidades eram ou são os mesmos das suas patroas? Com certeza não!

O feminismo negro está aí para afirmar isso, enquanto as mulheres brancas queriam direito a trabalhar fora e ao voto, as mulheres negras já estavam no mundo trabalho a muito



tempo tentando sobreviver e dar sustento para sua família em condições até hoje degradantes, mas tratadas como se fossem “da família”, como a Djamila comenta.

Sueli Carneiro, que é feminista negra de grande relevância na construção do feminismo feito por mulheres negras no Brasil, fala da importância da construção de uma agenda política que nos represente como mulheres negras. Ela questiona o nosso lugar dentro da imagem de fragilidade feminina construída em torno da “mulher”, que com certeza está se referindo a essa mulher única e universal, a mulher branca.

Então ela diz,

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados.³

Na busca pela nossa humanização e pelo nosso reconhecimento como gente e não coisa, se faz necessário que as diferenças sejam evidenciadas, sobretudo na luta por direitos, pois as mulheres negras ainda ganham os piores salários e tem as piores condições de acesso ao trabalho e aos bens de consumo. Ou seja, é pela construção de uma luta feminista e negra que vamos fazer com que as nossas vozes possam ecoar, rompendo as barreiras da exclusão social.

É por isso que venho falando para a senhora sobre o feminismo negro, pois vejo ele como uma possibilidade de nos perceber nesse mundo, entender nossas diferenças e nossas potencialidades como mulheres negras, e o vejo como uma ferramenta de empoderamento para nós.

³Sueli Carneiro, 2011. Fonte: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>.

Para além disso, Mãe o que essas mulheres me despertam é o desejo de ser melhor do que sou, e me mostram que posso ir além, Victória era costureira, quando foi chamada pelo seu irmão Nicomedes a criar uma cena para o rádio e juntos criaram o grupo artístico Cumanana, mal sabiam que ela nunca mais sairia dos palcos e dali ela foi convidada para estudar na Europa e quando voltou ao Peru, fez história.

A Danielle Almeida, que a senhora conheceu, sempre fala que “mulheres negras não precisam de esmola, precisam de oportunidades!” Ela é uma grande admiradora de Victoria Santa Cruz e percebe como as oportunidades que Victória recebeu ao longo da sua vida, foram agarradas por ela com total dedicação e competência e mudaram a sua trajetória.

Quando falei para a senhora que ela já havia morrido, a senhora perguntou: “ôxi então porque você estuda ela?” eu respondi: por que ela mesmo depois de morta, continua sendo muito importante, mas agora pensando melhor em como responder a essa pergunta, eu digo... É para que sua trajetória não seja esquecida e continue a inspirar outras mulheres negras a seguir em frente e nos ajudar a acreditar que podemos ir longe, que podemos ir além dos lugares que nos reservaram, que podemos protagonizar nossas próprias vidas, realizar nossos sonhos.

Djamila fala das dificuldades de conseguir bons empregos, que mesmo com boa formação, pois ela falava muito bem inglês e tinha um currículo de dar inveja, as pessoas a designavam aos trabalhos de limpeza pelo simples fato dela ser negra, ela trabalhou anos no que lhe ofereceram, seu pai trabalhava também nos serviços gerais e nem ele e nem sua mãe queriam que ela continuasse o ciclo de servidão.

Hoje sendo mestre em filosofia política e escritora, essa mulher ganhou/conquistou o mundo. Mas é importante dizer que houve muitas antes dela, Victória veio antes dela, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro e tantas outras mulheres arretadas que te conto sobre elas outra hora.

Quando Djamila fala que quebrou o ciclo dos trabalhos domésticos em sua família, lembrei de quando eu tinha 13 ou 14 anos de idade e apareceu para mim a oportunidade de trabalhar como babá e mesmo com o coração apertado, pois não era o que eu queria eu fui, pois queria ajudar em casa com as despesas.

No primeiro e único dia de trabalho passei a tarde com o bebê que tinha aproximadamente 3 anos, junto com o pai dele que estava em casa aquele dia, foram as quatro horas mais longas da minha vida, tive medo do pai do bebê fazer algo comigo. Quando cheguei em casa contei para a senhora como tinha sido e que embora nada tivesse acontecido eu não queria mais voltar, a senhora me apoiou e logo entendeu os meus medos.

Aquela atitude foi libertadora pra mim mãe, foi aquela atitude que me deu coragem para seguir com os meus desejos de estudar e poder sonhar em ser outra coisa, a senhora poderia na condição que estávamos ter agido diferente, pois passávamos muitas dificuldades, ao invés disso, me acolheu e me entendeu e eu sou muito grata por isso.

Por falar nisso, ela fala uma coisa no livro que achei muito interessante para pensar a nossa relação, quando ela fala sobre a legalização do aborto e o quanto as mulheres negras estão mais expostas a morte em tentativas clandestinas de abortar, ela contou que a mãe dela tentou abortá-la tomando raízes e fazendo simpatias que não deram certo, pois a Djamila quis nascer. Lembrei de quando senhora me contou que também tentou me abortar e eu quis nascer!

A mãe da Djamila já faleceu e ela fala que se tivesse a oportunidade de ter novamente essa conversa com a mãe dela hoje diria mais coisas do que disse aos 16 anos (a mãe dela morreu cinco anos depois), diria a ela que a entende e que não há o que perdoar e que ela foi vítima do estado que deseja controlar e desumanizar nossos corpos.

Ela não tem como dizer isso a mãe dela, mas eu posso dizer a senhora hoje que te entendo, que não há o que perdoar da minha parte e nem da sua, não há motivo para qualquer culpa, pois o estado como instituição maior de perpetuação do racismo e do machismo não trata com a devida humanidade a saúde das mulheres negras.

Só de imaginar a senhora tendo que lidar com mais uma gravidez fruto de um relacionamento abusivo, com um homem tão machista e misógino e com um pai, meu avô, que mal aceitava seu primeiro filho, eu consigo compreender o seu desespero.

De algum modo isso foi sendo superado ao longo dos anos pois tenho lembranças boas do quanto eu era apegada ao Vô Joaquim, apesar da sua partida prematura, inclusive era

a ele que chamava de pai. Por fim mãe, só quero dizer que te entendo, te amo e que tenho orgulho da senhora! E que assim como essas mulheres são exemplos de superação para mim, a senhora também é!

Falei tanto... Mas, foi bom! Alivia a alma... Vai amolecendo o tanto de coisa que a gente vai só guardando e não fala. Me despeço aqui, até breve, te amo mulher!

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** Disponível em <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>> Acesso em 18 de dez. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** / Djamila Ribeiro. – Belo Horizonte(MG). Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo de feminismo negro?** / Djamila Ribeiro – 1ª. Edição- São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GAMARRA, Victoria Santa Cruz. **Espetáculo La Magia del Ritmo**, 2004. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WYKEMidE6bQ&t=1008s>> Acesso em set. 2019.

O GLOBO, Acervo. **Com ‘telecoteco e ziriguidum’, Oswaldo Sargentelli inventou o ‘show de mulatas’.** Publicado: 06/04/17 - 12h 41min. Disponível em <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/com-telecoteco-ziriguidum-oswaldo-sargentelli-inventou-show-de-mulatas-21170942#ixzz681hE4YS0>> Acesso em set. 2019.